

Considerações iniciais: o social e o geográfico na vida de Carolina

A obra *Quarto de desejo*, a partir das intenções de Carolina Maria de Jesus em sua escrita, se pauta pela experiência quase imediata para registrar a vida social da personagem dentro do espaço de miséria vivido. A dupla composição é funcional porque estabelece na memória elementos sociológicos fundamentais (a família, os vizinhos, a rotina, etc.) e, ao mesmo tempo, o desgaste do ambiente físico em que tais elementos estão inseridos (a favela, o barraco, etc.). Assim, de início, podemos entender que Carolina usa como construção literária uma descrição material, aproximando no texto a realidade com a sua inscrição mais natural para que o leitor viva junto com a autora uma desumanização compulsória.

O cotidiano de miséria em contraste com o contexto político-desenvolvimentista do país – condicionado por Juscelino Kubitschek a partir do legado de Getúlio Vargas na segunda metade da década de 1950 – não alcançou camadas em que estavam pessoas como Carolina. A política era propositalmente assim para que se construísse um país afim ao capitalismo norte-americano, já que este subjugava nações para compor o bloco econômico e militar contrário à União Soviética, alimentando as disputas da Guerra Fria. A favela é levada a internalizar a ausência do Estado por meio da falta de água, por exemplo, situação que condiciona a autora a madrugar cotidianamente para encher latas em uma torneira coletiva.

Nesse momento, a favela se torna também um espaço de desumanização, uma vez que sua geografia precária apresenta apenas um caminho de inquietação (e, às vezes, raiva) para a personagem, que descreve seu meio social, como resultado daquele espaço, quase sempre como intragável. Desse modo, como ponto de partida para análise da obra neste trabalho, a observação em conjunto desses dois tópicos centrais coordenará nossa visão sobre o diário para que, com isso, outros dados mostrem sua relevância, por exemplo: o cotidiano e a linguagem, a classe a carência material, a raça, o gênero e a luta, que vão se relacionar com a ideia de *clássico* sob os princípios da pedagogia histórico-crítica ao final do estudo, portanto.

O cotidiano e a linguagem

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU).

Dois objetivos de Carolina coordenam a escrita do diário: o primeiro é a vontade de publicação de um livro e sua profissionalização como escritora; e o segundo é a transposição da realidade vivia na favela para a realidade literária. O seguinte trecho espelha essas intenções: “Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me” (JESUS, 2020, p. 19). O paralelismo sintático e semântico com os verbos reflexivos e o uso de ênclises em “abluir” e “aleitar” aponta para o primeiro objetivo da autora, cuja qualidade da escrita é visada para um apreço do leitor e um caráter estético mais elaborado, quando há preocupação na construção estilística. O segundo objetivo aparece no significado das ações verbais, cuja preocupação em se limpar (abluir-se) e a necessidade de alimentação (aleitar-se) dão foco às questões básicas da vida da autora.

Em outra cena, Carolina ironiza suas próprias condições ao mostrar que as poucas opções que tem para explicar a vida social na favela do Canindé; esse recurso simplifica o cotidiano, e também apaga o esperado estranhamento do outro:

[Um senhor] Olhou as crianças ao meu redor e perguntou:
– Estes filhos são seus?
Olhei as crianças. Meu, era apenas dois. Mas como todas eram da mesma cor, afirmei que sim. (JESUS, 2020, p. 29).

O desconcerto da cena coloca a protagonista para reconhecer a desumanização à sua volta, já que faria pouca diferença para o senhor se os filhos fossem de outra pessoa. O registro do episódio confirma o desprezo social contra os moradores de favelas, não havendo nesse ambiente alguma forma de planejamento familiar aos olhos dos privilegiados.

A partir desse primeiro contexto, como comenta Miranda (2020, p. 246), uma parcela da crítica sobre a obra de Carolina se mostrou equivocada na época por reduzir a escrita do livro a uma baixa probabilidade de construção estética, não observando a relação material entre o que a autora dizia com o modo de se dizer:

[...] Para a primeira recepção de Carolina, era sua própria condição autoral, forjada na intersecção de gênero, raça e classe, que gerava surpresa, susto e, principalmente, reação: não havendo um imaginário social que concebesse a mulher negra como produtora de pensamento, e diante de uma produção literária transgressora, que produzia dissensos em torno da construção discursiva do progresso moderno, a crítica muitas vezes optou por destacar do texto seus “erros” de português e a condição “semianalfabeta” da autora.

É inegável que o desvio de análise foi intencional para se imaginar uma Carolina “exótica” dentre as expectativas de autoria e literatura produzidas naquele momento, no auge

da terceira fase do Modernismo, após as publicações de João Guimarães Rosa e Clarice Lispector. No entanto, o equívoco vai mais além quando a crítica exclui trechos como os citados anteriormente, com a presença do paralelismo e da ironia, o que expõe, por essa via, um ato claro de racismo e discriminação sobre a classe social da autora.

A classe e a carência material

A narrativa cotidiana marca para o leitor uma fome biológica, mas também de ações: Carolina é impedida de avançar em seus projetos de modo humanizado por causa de elementos básicos que não possui, como a comida. O nervosismo e a vontade de morrer, como no trecho seguinte, são formas de escape diante da carência de alimentos.

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo.

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.

Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monotono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

– Hum! Tá gostosa!

A Dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre. (JESUS, 2020, p. 37-38).

A cena descreve o questionamento da escritora diante da falta de condições de sobrevivência: sua “vontade de morrer” não é apenas física, mas também intelectual/social quando ela se reconhece como pobre, o que se confirma pelo acesso ao alimento jogado no local onde mora. A monotonia do momento acontece porque a “comida” é muita, mesmo que estragada, fazendo com que moradores não precisem dividir. Nesse contexto, apenas Carolina parece notar a qual classe pertence já que há a inquietação com a condição de pobreza de outros países.

Dessa maneira, o reconhecimento da classe se dá pela carência material cotidiana: mortes e brigas são ações comuns nesse ambiente de falta constante, causando a falta de pensamento e de trabalho intelectual regular. Porém, de forma contrária, a monotonia aparece quando a carência material não é notada, uma vez que alguma fonte para suprir necessidades básicas é literalmente jogada para eles, os pobres.

A raça, o gênero e a luta

Carolina é ciente dos alvos socioculturais que estão sobre sua raça e seu gênero, porque consegue descrever os objetos que os atinge, como a fala de pessoas minimamente privilegiadas e a história brasileira/ocidental. A questão da raça se evidencia quando a autora tenta se profissionalizar e quando relata as condições pelas quais a população negra passa. Isso corresponde ao ato da escrita de à ausência de escolha da natureza sobre grupos étnicos, os quais, do contrário, teriam alguma vantagem evolutiva. A questão do gênero é complementar à primeira quando trata principalmente de cuidados pessoais, com o corpo. O primeiro exemplo, nesse caso, é o cabelo crespo, que não se deixa movimentar à toa.

...Devido ao custo de vida, temos que voltar ao primitivismo. Lavar nas tinas, cosinhar com lenha.

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

– É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

...Um dia, um branco disse-me:

– Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 2020, p. 63-64).

Carolina discorre sobre as relações étnico-raciais na sociedade por meio de comparações com o seu trabalho e sua estética: mesmo no pequeno reconhecimento de sua escrita, o circo a vê como inferior por causa da raça, fato que denuncia de modo profundo o racismo vivido especificamente por mulheres negras. De outro modo, o movimento do cabelo como marcador de ordem também expõe as relações citadas, uma vez que os brancos sempre se sentiram superiores por terem possibilidade de dar mais cuidados ao próprio corpo, enquanto os negros precisariam se valer de alguma praticidade de uso para deixá-los fixos.

Além da luta contra o racismo e a desigualdade de gênero, Carolina ainda lutava contextualmente para ter algum lugar na literatura brasileira, como mostra Lajolo (2020, p. 212):

A autora do diário que lemos destoa da tradicional origem da classe de nossos escribas, quase sempre brancos, e quase nunca famintos. As exceções mulatas de Machado de Assis e de Lima Barreto apenas confirmam a regra, tristemente

consolidada na cooptação do primeiro e na marginalização do segundo. Para além disso, o fato de serem ambos homens e ambos frequentadores assíduos da cultura letrada erudita afasta-os de Carolina que também entra em rota de colisão com outros valores. Entre eles, o do papel da escrita e dos escribas da sociedade brasileira, sempre ciosa, senão do beletismo de punhos de renda, com certeza do pacto da humildade do escriba e da gratuidade da escrita.

Quarto de despejo, aos olhos da produção tradicional da literatura, é talvez o resultado da mais baixa probabilidade de origem de um escritor brasileiro, considerando justamente a raça e o gênero da autora como ponto de partida. Dentro desses parâmetros, Carolina Maria de Jesus não se aproxima nem de Maria Firmina dos Reis ou de Júlia Lopes de Almeida, já que em vida elas ainda participavam de círculos literários. À margem da margem, Carolina luta literariamente contra o racismo e o machismo ao reconhecer a qualidade de sua própria escrita, mesmo sob a pena dos demais ou sob a seleção humana pela cor, percebendo, assim, que sua luta, depois da fome, é com a fala, dos outros.

O conceito de “clássico” pela Pedagogia Histórico-Crítica

A narrativa da publicação de *Quarto de despejo* envolve alguns aspectos que necessitam ser considerados no que tange ao conceito de *clássico*. Nas décadas de 50-60 do século XX, a obra alcançou bastante sucesso, tornando-se um *best-seller* (tiragem de mais de 100 mil livros em apenas 1 ano). Apesar do reconhecimento do livro por grandes nomes da Literatura da época, como Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz, Sérgio Milliet, Helena Silveira, dentre outros, pelo conteúdo e escrita autêntica, pela voz que Carolina representava naquele contexto, a obra também se tornou uma espécie de objeto de consumo e da curiosidade no Brasil, pela própria trajetória da narrativa até sua publicação.

Moradora da extinta favela do Canindé, localizada à *margem* esquerda do rio Tietê, em São Paulo-SP, Carolina surge no caminho trilhado pelo jornalista Audálio Dantas, quando este foi fazer uma reportagem lá, pois tal lugar precisaria ser desocupado, devido à canalização do rio para a construção da Marginal Tietê, ironicamente pondo em outra condição *marginal* aqueles que ali vivam. Durante esse processo de cobertura jornalística, o repórter descobre uma escritora diferente, com “seus 20 cadernos encardidos”, nas próprias palavras dele, contendo a verdadeira história daquele lugar, cuja voz daquela mulher negra, mãe de três filhos e catadora de lixo começava a ecoar para todo o Brasil, numa tentativa de mostrar um país que precisava ser visto, de fato; um país excluído, onde a fome e a miséria povoavam os barracos e os corpos daqueles moradores, numa luta diária pela sobrevivência.

Após o grande destaque pela força original que aquela narrativa trazia em suas páginas, literalmente marginais, a obra caiu no esquecimento, por um certo tempo:

Todavia, após o grande sucesso do primeiro livro, a sua carreira como escritora não prosperou. Nesse primeiro momento, a sua audiência estava apoiada na excepcionalidade de sua escrita, que só era aceita porque apresentava transbordamento de uma realidade social narrada de dentro. Cumprida a tarefa de comunicar a realidade social em que viviam os mais pobres, Carolina foi paulatinamente esquecida pela mídia e ignorada pelas editoras. (SOUZA; NOAL, 2021. p, 156)

Segundo Souza e Noal, (2021, p. 156), em 2017, 40 anos após a morte de Carolina de Jesus, as editoras voltaram a publicar seu livro, pelo fato deste ser contemplado em lista de leitura de alguns vestibulares de universidades brasileiras. Tal resgate vai ao encontro de uma época que vinha tentando combater de maneira mais explícita e atuante o racismo, as diferenças sociais, a fome, dentre tantos outros problemas, buscando lutar por equidade num país que, naquele momento, voltava a viver reflexos de mais um golpe político.

Tal apagamento da obra, por quatro décadas, não se explica simplesmente por não fazer mais sentido para as gerações seguintes, ou por seu texto não conter em seu bojo temáticas pertinentes para o contexto daqueles leitores, mas sim como um projeto do próprio sistema neoliberal, de silenciar a voz daqueles que denunciam as gritantes diferenças sociais brasileiras, colocando à margem as páginas autênticas da periferia, que ressurgem da lama, agora, por meio do resgate da ancestralidade e de ações afirmativas, numa pulsante escrita, marcada pela oralidade e por uma linguagem que representa novos tempos e espaços de luta.

Dessa forma, *Quarto de despejo*, após essa trajetória, insere-se na Literatura, não apenas brasileira, mas universal, como um texto que ainda tem muito o que falar ao leitor contemporâneo, não como mercadoria ou fetiche, mas como leitura essencial, imprescindível no currículo de Literatura da Educação Básica, como um conteúdo clássico, necessário para a formação humana integral dos estudantes. Nas palavras de Ferreira (2019, 60):

A educação escolar, numa perspectiva de luta contra a alienação, precisa colocar-se um duplo desafio: o de promover a superação das formas puramente cotidianas e fetichistas da consciência e o de socializar os conhecimentos mais elevados, fazendo, porém, a crítica às ideologias que deformam e invertem a realidade.

A obra de Carolina de Jesus evidencia as *contradições* (lama, podridão, ratos, urubus, humanos despejados às *margens* do Tietê como lixo) de nossa sociedade, o que constitui seu caráter atual e como “conteúdo essencial” no Ensino de Literatura.

Compreendido, muitas vezes, como aquelas obras da cultura erudita, cuja leitura e entendimento são inacessíveis à maioria das pessoas. A noção de clássico, aqui, pode ser confundida com a noção de *cânone*. Segundo o Houaiss (2009, p. 388), o cânone é aquele “Conjunto dos livros considerados de inspiração divina”. Sendo também “uma *imposição de conteúdos* por parte de um grupo dominante e, por consequência, como se excluísse as particularidades de culturas” (FERREIRA, 2019, p. 12, grifo nosso), reforçando uma *concepção hegemônica e etnocêntrica* tanto das obras literárias como dos conteúdos a serem ensinados.

O clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial. Pode, pois, constituir-se num critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico (SAVIANI, 2011, p. 13).

Os conteúdos clássicos, na perspectiva do pensamento de Saviani e da Pedagogia Histórico-Crítica, são os científicos, os filosóficos e os artísticos. Por meio destes, é possível haver, na educação escolar, uma valorização do conhecimento, nas suas formas mais ricas e elaboradas, construído pela humanidade, como ponto de partida para superação desse conhecimento por gerações futuras. Segundo Marsiglia e Fonte (2016, p. 24):

É clássico aquilo que passou a ter lugar de impacto na vida de uma sociedade ou de uma geração inteira, coloca em diálogo o nosso tempo (presente) e o tempo passado (tempo de criação da obra clássica), impactando os sujeitos, a pessoa e as gerações. Dessa maneira, o contato com o clássico aguça o nosso sentido de humanidade, pois nos permite ter referências da constituição das individualidades e da coletividade; enfim, é clássico aquilo que é mais essencial para a liberdade do ser humano.

Portanto, ler um clássico requer um exercício paciente, denso, de desbravamento da linguagem e da temática, as quais fazem parte de um processo criativo complexo, cuja recepção depende de uma leitura especializada, em que a mediação do professor de Literatura é imprescindível. Há livros que são escritos simplesmente para serem vendidos e consumidos; estes não precisam ser abordados na escola, pois a leitura é de fácil acesso e interpretação. Já as obras do currículo de Literatura do Ensino Médio necessitam de um trabalho adequado do professor, com formação na área, uma vez que possibilitam uma interpretação profunda da realidade, do mundo e da própria existência, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da escrita, do raciocínio e do senso crítico.

Nenhum leitor será o mesmo depois de ter lido *Quarto de despejo*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Vidas secas*, *O navio negreiro*, *O operário em construção*, *A hora*

da estrela... São estes e tantos outros clássicos que nos “humanizam”, nas palavras do grande mestre Antonio Candido, em seu célebre ensaio “Direito à Literatura”, mostrando que a Leitura e a Literatura são essenciais como a água, o alimento, a moradia, dormir, ... como o direito à vida e a condições mais dignas de existência, pelo qual Carolina de Jesus tanto lutou.

Considerações finais: o valor literário da obra

Diante do que foi apresentado, a narrativa caroliniana se insere na Literatura como atemporal, uma escrita que rompeu as barreiras do tempo, mantendo sua atualidade e necessidade de ser lida, por isso podemos considerar *Quarto de despejo* um *clássico literário*, pois, nas palavras de Calvino (1993, p. 11): “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”.

Além disso, a obra traz importantes contribuições para o estudo da Língua(gem), pela transgressão da norma vigente, na época de sua publicação; que a linguagem utilizada na obra é adequada e representativa daquele contexto, para o desvelamento da realidade e a busca por sua superação. A voz da mulher negra “em primeira pessoa”, na narrativa, representa a voz da periferia e do trabalhador brasileiro em condição de escravidão e exploração; o analfabetismo; as diferenças sociais; a falta de políticas públicas e de consciência de classe. Como aponta Miranda: “Quarto de despejo é uma obra clássica, e como é próprio dos clássicos, renova-se no tempo e não cansa de nos ensinar” (MIRANDA, 2020, p. 252).

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FERREIRA, C. G. *Fundamentos histórico-filosóficos do conceito de clássico na Pedagogia Histórico-Crítica*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2019. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/4908.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

LAJOLO, M. A leitura no quarto dos fundos. In: JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

MIRANDA, F. Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

MARSIGLIA, A. C. G.; FONTE, S. S. D. A educação escolar e os clássicos literários: considerações a partir da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural. *Revista Brasileira de Alfabetização*. v. 1, n. 4, p. 19-34, jul.-dez. 2016. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/142>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica*: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOUZA, A. D.; NOAL, S. M. Carolina Maria de Jesus: um olhar particular sobre o mundo. *Revista de História e Estudos Culturais*. v. 18, n. 1, janeiro-junho de 2021, p. 155-174.